
Onde está a Ciência na Notícia Esportiva? Uma análise da cobertura do Globoesporte.com no caso Caster Semenya¹

Gustavo de Araujo LONGO²
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

Este artigo pretende abordar a participação de conceitos e profissionais relacionados à prática científica na construção da notícia esportiva nos meios de comunicação. A importância da área conhecida como ciência do esporte cresceu nos últimos anos, o que fez com que os estudos médicos, biomecânicos, fisiológicos, psicológicos, entre outros, passassem a integrar o dia a dia de atletas, clubes e federações. Entretanto, percebe-se que esse fenômeno ainda não se reflete na produção jornalística de esporte, centrada em grande parte na cobertura de jogos e competições. Para averiguar essa questão, o trabalho vai analisar as matérias publicadas pelo portal Globoesporte.com referentes ao caso Caster Semenya e os novos limites de testosterona nas provas femininas do atletismo.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Jornalismo Esportivo; Jornalismo Científico; Cobertura; Caster Semenya.

INTRODUÇÃO

O fã que acompanha sua equipe ou atleta favorito nos relatos dos meios de comunicação nem desconfia, mas a ciência também faz parte de sua paixão. O tempo de recuperação de um jogador pode representar o sucesso ou o fracasso de seu time na sequência da temporada, assim como um inesperado caso de *doping* pode dificultar as chances de conquistas nacionais e internacionais. O torcedor espera ser informado sobre todos esses tópicos.

A questão é saber como esta informação está sendo passada. O jornalismo esportivo atua como principal mediador entre a prática do esporte em alto rendimento e o público. Por meio de técnicas inerentes à profissão, o repórter desta editoria deve levantar os principais acontecimentos, checar todos os fatos e preparar os seus relatos, apresentando diferentes pontos de vista sobre o assunto e aprofundando o conhecimento das pessoas sobre determinados temas.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Curso de Jornalismo da ECA-USP, e-mail: gu.longo@usp.br.

Quando se trata de cobertura esportiva, espera-se que a ciência ocupe uma posição de destaque no trabalho do jornalista. Afinal, o esporte é uma atividade motora que depende da boa performance física e atlética de seus participantes, o que faz com que áreas como medicina, fisiologia, psicologia, entre outras, sejam integrantes da rotina dos principais clubes, atletas e federações de todo o mundo.

Para averiguar se o noticiário esportiva dedica espaço em suas notícias para a ciência, este artigo vai analisar as matérias publicadas pelo portal Globoesporte.com durante a repercussão do caso que envolve a sul-africana Caster Semenya. A atleta trava uma disputa jurídica contra os novos limites de testosterona impostos nas provas femininas de atletismo. Porém, antes da investigação é necessário contextualizar e categorizar o conceito de notícia esportiva e relacioná-la com a prática do jornalismo científico no país.

A NOTÍCIA ESPORTIVA

É um hábito que realizamos todos os dias. Seja por meio de jornais, programas de rádio e televisão ou mídias digitais, sempre conferimos as principais notícias que cercam nossos interesses. A expressão tornou-se sinônimo da prática jornalística e pode ser considerada o produto básico da profissão. Meios de comunicação que oferecem notícias de qualidade, relevantes e na linguagem adequada a seu público ganham credibilidade e respeito, revertendo essa imagem positiva em um maior potencial financeiro por meio da venda de anúncios ou com o desenvolvimento de novos modelos de negócio, como assinaturas e produção de conteúdo institucional.

É também o espelho da idealização do jornalismo, ou seja, a ideia centrada na objetividade, isenção e imparcialidade, sem emissão de opiniões ou análises subjetivas. Esse conceito foi moldado com a evolução da área enquanto campo profissional na virada do século 19 para o 20, quando os meios de comunicação deixaram de ser ligados a grupos políticos e se transformaram em empresas. Houve uma necessidade de consolidar a área e, ao mesmo tempo, formar técnicas e métodos capazes de otimizar a produção do principal bem deste setor: a informação.

Como o objetivo imediato era a preparação da nova camada de técnicos, os autores exploram muito a sistematização de um método de trabalho – captação de informações, técnica do repórter, elaboração da notícia e técnica de redação. (...) Os autores estabelecem certos critérios coincidentes como o de *atualidade*,

interesse por parte do público, *veracidade* e facilidade de assimilação ou *clareza*. (...) A verdade de uma notícia, baluarte de um neoliberalismo (mercado livre de ideias) contemporâneo, se remete à fundamentação teórica da objetividade do acontecimento. (MEDINA, 1988, p. 20)

Mas o que define qual acontecimento merece, ou não, ganhar destaque e espaço por meio das notícias? Muniz Sodré (2012) defende o “acontecimento factual” como algo presente à realidade histórica e, portanto, passível de comprovação. Assim, a notícia seria a narrativa deste acontecimento originado a partir de um “fato bruto”.

Normalmente associamos estes fatos a questões que interferem diretamente as nossas vidas. Temas políticos e econômicos, por exemplo, possuem ampla cobertura jornalística por conta deste interesse público – uma decisão no Congresso ou uma nova regra econômica é capaz de alterar nossa rotina. Porém, as pessoas não vivem apenas em torno dos assuntos considerados mais “sérios”. Há outros acontecimentos que despertam emoções em nosso dia a dia e são interesses *do* público. São os chamados *fait-divers*, “eventos sem classificação, mas ainda assim notáveis por alguma relação interior entre seus termos” (LAGE, 1985, p. 46).

A repercussão em forma de notícia denota dessa capacidade de atrair a atenção das pessoas sem que interfira realmente na vida delas. Em suma: fatos capazes de gerar emoção nas pessoas, deixando-as felizes ou tristes, também se transformam em relatos importantes nos meios de comunicação. Afinal, ainda que o jornalismo levante a bandeira da seriedade, “o seu funcionamento discursivo permanece no campo dos índices de um imaginário transcultural, em que a narrativa fascinante do destino é tão ou mais forte do que as pressões realistas da história” (SODRÉ, 2012, p. 230-231).

Essa categorização explica o crescimento e consolidação do noticiário esportivo. Meios de comunicação e esporte estabeleceram uma relação mútua de interdependência ao longo da história. No Brasil, por exemplo, era comum encontrar relatos de eventos de turfe, remo e outras modalidades nas páginas dos principais jornais do país nos primeiros anos do século 20. Ouhydes João Augusto da Fonseca (1981) destaca dois elementos cruciais para a expansão do jornalismo esportivo. O primeiro deles foi o surgimento do rádio. O segundo foi a implementação do profissionalismo no futebol em 1933, fazendo a prática alcançar um novo *status* na opinião pública – obrigando os próprios jornalistas a se profissionalizarem também.

A carreira cresceu e se consolidou, mas a construção da notícia mantém características similares desde o seu surgimento. Por lidar com a emoção e a paixão do público, que invariavelmente possui suas preferências de equipes e atletas, o relato costuma ir além das técnicas normalmente utilizadas em outras editorias. “Opinião e notícia nunca estiveram tão entrelaçados. Parece até que o repórter de esporte jamais foi pressionado pela famosa ‘objetividade’” (MEDINA, 1988, p. 71).

Ao invés de elaboração de notícias e reportagens baseadas na apuração com fontes, descrição imparcial, isenta e objetiva do fato, entrevistas, redação e edição, a cobertura esportiva utilizou – e ainda utiliza – em grande parte de sua produção a crônica, um gênero que flutua entre ficção e jornalismo. José Marque de Melo (1985) a destaca como “um relato poético do real”, o que combina perfeitamente com o caráter lúdico que envolve o esporte. Recurso imprescindível no início do século 20, quanto as redações eram ocupadas por escritores, tornou-se uma marca registrada do jornalismo esportivo mesmo com a especialização da profissão ao longo das décadas seguintes.

O QUE INTERESSA À NOTÍCIA ESPORTIVA?

O jornalista esportivo interessa-se por tudo aquilo que acontece no esporte. É uma lógica redundante, mas necessária quando fazemos o seguinte questionamento: que tipo de esporte as notícias abordam? O termo pode se referir, por exemplo, à educação física nas escolas, à prática solitária de uma pessoa em busca de uma vida mais saudável e até à performance executada por profissionais em eventos regulamentados por órgãos regionais, nacionais ou internacionais, com alto grau de habilidade e técnica. Como bem lembra Mauro Betti (1998), trata-se de um conceito bastante polissêmico.

Uma das categorizações mais comuns é a de Manoel Tubino (1999), que agrupou essas diferentes visões em torno de três grandes grupos: o esporte-pedagógico, que remete ao ensino de atividades físicas, o esporte-participação, que seria a prática em si de uma determinada atividade motora, e o esporte-performance, que equivale ao alto rendimento. Valter Bracht (2005, p. 17) complementa este último conceito com a expressão *espetáculo* porque “abriga a característica central desta manifestação hoje, ou melhor, sua tendência mais marcante, qual seja, a transformação do esporte em mercadoria veiculada pelos meios de comunicação de massa”.

Não resta dúvida de que é nesta última categoria que o jornalismo atua. Os veículos possuem uma interdependência em relação ao esporte: ao mesmo tempo em que

conseguem maiores audiências e, conseqüentemente, receitas publicitárias mais volumosas a partir da cobertura de competições, são também os principais financiadores destes mesmos eventos por meio dos direitos de transmissão.

Logo, é natural que a produção jornalística esteja concentrada, principalmente, em torno dos atletas que conseguem se destacar com suas conquistas, feitos e records. Edgar Morin (2002, p. 105) utiliza o termo “olimpiano” para designar justamente os personagens que recebem mais atenção dos meios de comunicação e, com isso, influenciam a cultura de massa:

Esses olímpianos não são apenas os astros de cinema, mas também os campeões, príncipes, reis, *playboys*, exploradores, artistas célebres, Picasso, Cocteau, Dalí, Sagan. O olimpismo de uns nasce do imaginário, isto é, de papéis encarnados nos filmes (astros), o de outros nasce de uma função sagrada (realeza, presidência), de seus trabalhos heroicos (campeões, exploradores) ou eróticos (*playboys*, *distels*).

Trata-se dos “ídolos” admirados por torcedores e retratados por jornalistas. É inegável o apelo que atletas como Pelé (futebol), Gustavo Kuerten (tênis), Ayrton Senna (automobilismo) e Oscar Schmidt (basquete) exerceram e ainda exercem no imaginário dos brasileiros. Eles participam de programas de televisão, dão autógrafos mesmo após aposentados, são requisitados para campanhas publicitárias e seus passos são seguidos de perto pelos meios de comunicação de massa. Os olímpianos constituem uma fonte interminável de notícias por gerarem “identificação e empatia”, importantes elementos para a retórica jornalística (LAGE, 1985).

Contudo, não são apenas os campeões que exercem influência considerável na pauta esportiva. Os meios de comunicação também valorizam modalidades que possuem mais condições de chamarem a atenção da audiência. Pierre Bourdieu (1997) lembra que a cobertura valoriza atividades em que os atletas nacionais têm mais chances de vitória no cenário internacional – o que explica a preferência brasileira não só pelo futebol, mas também pelo vôlei e, anteriormente, pelo automobilismo.

Miquel de Moragas (2015), por sua vez, ressalta mais um fator que explica o interesse do jornalismo esportivo sobre algumas modalidades em detrimento de outras: seu potencial televisivo, ou seja, sua capacidade de gerar imagens que chamam a atenção das pessoas. “Quem determina a popularidade do esporte não é mais apenas o espetáculo esportivo em si, mas a espetacularidade das imagens de televisão, sua televisibilidade”

(tradução nossa). Exibições de ginástica, atletismo e natação possuem esta característica marcante, com fotos e vídeos que repercutem no cenário internacional.

Essas situações explicam porque determinadas modalidades possuem mais espaço do que outras no noticiário. Partindo do princípio de que a notícia é o produto básico de um meio de comunicação inserido na lógica capitalista, ela precisa ser aderente a uma parcela significativa da população para que possa ser consumida por um número maior de interessados.

Hoje, esses dois tópicos correspondem à grande parte da cobertura midiática em torno do esporte no Brasil: as notícias giram em torno da vida dos grandes atletas e o dia a dia de competições e resultados. Entretanto, não basta apenas conhecer as modalidades mais aceitas ou seguir os passos dos campeões. O jornalista também deve compreender os demais aspectos para caracterizá-lo em sua totalidade, não apenas em seu desempenho atlético. Ele deve utilizar as mesmas técnicas das demais editorias. Resumindo: espera-se do profissional a capacidade de pesquisa, apuração, entrevista e construção da narrativa que consiga abordar todos os tópicos que cercam um determinado acontecimento esportivo.

A pauta, por exemplo, deveria abranger questões de diferentes áreas, como economia (impactos de grandes eventos em uma determinada comunidade), políticos (projetos de leis que facilitam o financiamento público), sociais (debates sobre racismo e homossexualidade), entre outras situações. Mário Erbolato (1981, p. 15) destaca que “além de conhecer as regras e os regulamentos de cada modalidade de esporte, o jornalista precisa inteirar-se de uma série de fatos que, por serem infringidos ou esquecidos, podem constituir base para um bom noticiário”.

ONDE ENTRA A CIÊNCIA?

Dentre todos os assuntos que cercam a produção da notícia esportiva, a ciência é um dos que mais exigem conhecimento, preparo e atenção dos profissionais de comunicação. Uma lesão sofrida em um jogo, um caso de *doping* ou uma preparação física inadequada não só compromete o desempenho de um atleta, como pode até abreviar a carreira dependendo da gravidade do caso.

Temas como psicologia, medicina, nutrição, biomecânica, fisiologia, entre outros, devem ser tratados de forma adequada pelos jornalistas para transmitir a informação correta e, ao mesmo tempo, oferecer à audiência um melhor entendimento. Para

aprofundar a pauta, é preciso reforçar a importância do conhecimento científico na construção narrativa e detalhar todos os aspectos que abrangem a história. É o que exige, por exemplo, a cobertura sobre o *doping*. “O assunto deve ser apresentado e discutido de maneira que os efeitos nocivos dessa prática sejam do conhecimento de todos os interessados no esporte, principalmente os atletas” (SILVA, 1997, p.83-84).

Acontece o mesmo com notícias sobre medicina esportiva. Enquanto grande parte dos relatos trata apenas de lesões e contusões que acontecem durante uma competição, é preciso aprofundar a abordagem para compreender sua verdadeira função dentro de equipes e/ou federações. “A medicina do esporte é, sem dúvida, muito mais abrangente, pois visa selecionar, orientar, vigiar, prevenir e tratar os esportistas” (RODRIGUES, 1997, p. 51-52). A psicologia esportiva, por sua vez, depende do bom trabalho jornalístico para ampliar sua presença entre atletas e clubes. “O esporte precisa de psicologia e ambos necessitam de uma boa compreensão por parte dos jornalistas para que cada vez mais a psicologia de boa qualidade possa ser aproveitada pelos técnicos e atletas” (BARBANTI, 1997, p. 49).

É função dos meios de comunicação ampliar esse debate no campo esportivo. Cabe ao jornalista atuar como mediador, sendo responsável de levar o assunto científico, normalmente restrito aos profissionais da área, para uma parcela maior da população e com uma linguagem adequada. Mais do que informar a lesão de um jogador, por exemplo, é preciso relatar o tipo dela, as consequências em seu corpo e em seu desempenho motor e todo o procedimento de recuperação.

Não é um trabalho fácil, evidentemente. A produção de notícia que aborde a ciência deve incluir não apenas todas as técnicas inerentes à área, como apuração, entrevista, checagem, redação e edição do material, mas também um didatismo maior não apenas na linguagem, mas na própria explicação para tentar emplacar e justificar a pauta na hierarquia do veículo. Como recorda Warren Burkett (1990, p. 6), “os redatores de ciência devem esclarecer para si mesmos, seus editores e seu público algumas ideias e conceitos que não são tão claros mesmo para muitos cientistas”.

No Brasil, a presença da ciência no jornalismo ganhou corpo ao longo do século 20, coincidindo com o avanço de recursos tecnológicos e a descoberta de novos conhecimentos na medicina, química, física, etc. Todavia, a produção atual de notícias científicas ainda está vinculada às grandes corporações e até a determinados cientistas e pesquisadores, que normalmente contam com o apoio de assessores de comunicação para

garantirem que seus pontos de vista estejam em destaque na narrativa, comprometendo a credibilidade do relato.

É forçoso reconhecer que os jornalistas responsáveis pela cobertura de C&T na mídia são abastecidos contínua e fartamente por matérias pré-fabricadas em assessorias de imprensa, que representam os lobbies atuantes no espaço público. Daí o viés que se percebe claramente no conteúdo desse noticiário, priorizando as questões de política científica e tecnológica e minimizando os conhecimentos aplicáveis ao cotidiano dos cidadãos (MELO, 2014, 51-52)

Fenômeno similar acontece com o noticiário esportivo quando precisa tratar de assuntos relacionados à ciência. Não há uma preocupação em abordar estes pontos, ainda que eles fazem parte do dia a dia dos clubes, atletas e federações. Grande parte da rotina dos repórteres está focada exclusivamente naquilo que acontece dentro do campo de jogo, ou seja, na preparação, no jogo em si e na repercussão da partida.

Não há vida fora dos torneios, e, por isso, as pautas ficam pobres, endereçando-se para a fofoca e a intriga, quando há temas absolutamente fundamentais para serem tratados. (...) Não há tempo, nem espaço para matérias de fôlego, porque o jornalismo esportivo vive em função apenas dos torneios e das partidas. E, num país em que o calendário é alucinante, com jogo dia sim, outro também, o resto não interessa. (BUENO, 2005, p. 21-22)

Assim, quando acontece alguma lesão de um atleta ou um caso de *doping* em sua cobertura usual, é natural que ele se contente apenas com a narrativa superficial do caso, ouvindo, na maioria das vezes, o médico do clube ou da instituição esportiva em questão e o próprio atleta envolvido – e nada mais. Não há uma preocupação em mostrar os efeitos práticos e a longo prazo que aquele acontecimento pode acarretar; nem tampouco explicar questões mais específicas, como o procedimento cirúrgico ou o efeito de uma substância dopante no corpo da pessoa.

Para André Chaves de Melo Silva (2017, p. 36), essa situação evidencia a diferença entre divulgação e comunicação científica. Enquanto a primeira “se limita a ouvir apenas o pesquisador”, a segunda é a “efetivação plena do jornalismo científico, o qual, se não se dedicar a informar a população de forma simples e objetiva como é que o cientista chega aos seus resultados (...) se reduz à simples divulgação”. A notícia só pode ser considerada completa se oferecer todos os métodos utilizados para se chegar àquela conclusão e diversos pontos de vista que corroboram – ou contestam – a versão oficial dos fatos.

O CASO CASTER SEMENYA NO GLOBOESPORTE.COM

Um exemplo da ausência de ciência na cobertura esportiva está nas notícias que envolvem o caso da atleta sul-africana Caster Semenya. Tricampeã mundial dos 800 metros no atletismo em 2009, 2011 e 2017 e bicampeã olímpica na mesma prova em 2012 e 2016, ela trava uma batalha contra a Associação Internacional das Federações de Atletismo (IAAF, na sigla inglesa) desde 2009, quando começou a se destacar em competições adultas. Ainda que nenhum dos exames feitos pela competidora tenha sido divulgados, os meios de comunicação caracterizam Semenya pelo hiperandrogenismo, condição natural que produz de forma excessiva andrógenos como testosterona, o hormônio masculino – o que resultaria em um desempenho acima das demais concorrentes mulheres, segundo a entidade esportiva.

Recentemente, o debate ganhou contornos mais tensos e obteve ampla cobertura midiática em todo o mundo. No dia 1º de maio de 2019, a sul-africana perdeu a apelação no Tribunal Arbitral do Esporte, na Suíça, em que questionava a regra da IAAF sobre a necessidade de atletas com “diferenças de desenvolvimento sexual” (DSD) reduzirem a taxa de testosterona para participarem de provas internacionais de até 1500 metros – justamente sua especialidade. Caster Semenya entrou com recurso na Corte Suíça e conseguiu reverter a decisão no início de junho de 2019.

O imbróglio jurídico continua e é observado de perto pelos meios de comunicação, mas as questões científicas permanecem: qual o impacto do hiperandrogenismo na performance da atleta? Quais as medidas utilizadas para saber qual a quantidade “ideal” de testosterona para uma disputa esportiva feminina? Como funcionaria esta medicação no corpo de Caster Semenya? Como isso vai influenciar no desempenho da atleta? Em quanto tempo começa a surtir efeito? A longo prazo, quais efeitos isso traz para a vida da pessoa? Respostas que deveriam ser respondidas no noticiário que envolve este caso, mas que não foram abordados por um dos principais meios de comunicação do país.

METODOLOGIA

Para fazer esta análise, o artigo selecionou as notícias sobre o caso publicadas no portal Globoesporte.com. A escolha deste veículo justifica-se por ser considerado um dos maiores do país na cobertura de diferentes modalidades, além de ser ligado ao grupo que

possui direitos de transmissão de algumas das principais competições esportivas nacionais e internacionais.

O foco da investigação está apenas na cobertura em torno da apelação da atleta para reverter a decisão da IAAF que a impedia de competir internacionalmente. Dessa forma, o período engloba o dia 30 de abril, véspera da decisão do Tribunal Arbitral do Esporte, até o dia 18 de junho, último relato publicado sobre o caso e que repercutiu o recurso que Caster Semenya obteve na Corte Suíça. Neste intervalo, foram encontradas 15 notícias em 50 dias, uma média de uma a cada 72 horas. É importante realçar que, para abordar apenas a questão científica do caso, as matérias sobre competições esportivas e o desempenho atlético publicadas no período foram desconsideradas.

A análise possui dois eixos principais. Primeiro, o levantamento de quais fontes foram utilizadas em toda a cobertura, descobrindo a possível frequência em que cientistas e pesquisadores da área biológica aparecem na construção narrativa. Depois, a observação em torno do conteúdo para identificar de que forma os conceitos científicos são, ou não, retratados nas notícias.

Quadro – Lista de notícias analisadas no portal Globoesporte.com entre 30 de abril e 18 de junho de 2019

Data	Título da matéria
30/04/2019	Entenda o polêmico caso de Caster Semenya: Tribunal na Suíça define o futuro da bicampeã olímpica
01/05/2019	Semenya perde processo no Tribunal Arbitral do Esporte e não poderá correr entre as mulheres
01/05/2019	Após perder recurso no TAS, Semenya vê perseguição e diz: "Essa decisão não vai me parar"
01/05/2019	ONG de Direitos Humanos critica proibição do TAS a Semenya: "Discrimina todas as mulheres"
02/05/2019	Lauter Nogueira concorda com proibição de Semenya de correr com mulheres: "Doping natural"
02/05/2019	Federação sul-africana se diz em choque com decisão que impede Semenya de correr com mulheres
04/05/2019	Podcast O Cientista do Esporte

04/05/2019	Presidente do COI afirma que caso de Semenya será estudado e revela simpatia pela atleta
08/05/2019	IAAF discorda de críticas da Associação Médica Mundial após o veredicto de Semenya
13/05/2019	Governo da África do Sul vai apresentar um recurso contra a decisão do CAS no caso Semenya
29/05/2019	Semenya entra com apelação contra regra de testosterona que a proíbe de competir
03/06/2019	Corte suíça suspende regra que proibia Semenya de competir; IAAF tem prazo para responder
05/06/2019	IAAF vai buscar "rápida reversão" de decisão de tribunal suíço de liberar Semenya para competir
14/06/2019	IAAF perde mais uma vez em corte suíça, e Caster Semenya segue liberada para competir
18/06/2019	Caster Semenya acusa a IAAF de a ter utilizado como "rato de laboratório"

RESULTADOS

O levantamento das 15 matérias analisadas sobre o caso Caster Semenya no portal Globoesporte.com mostra que a utilização de cientistas como fontes de conhecimento e informação na construção de notícias não é prioritária. Ao todo, 11 diferentes personagens foram ouvidos e/ou citados, mas apenas quatro (36,3%) são da área médica ou biológica: o preparador físico Lauter Nogueira, o cientista e professor de fisiologia Ross Tucker, a endocrinologista e especialista em medicina do esporte Karina Hazano e a Associação Médica Mundial.

Entretanto, se considerarmos a presença das fontes científicas na produção jornalística destas matérias, percebemos que o indicador é mais baixo. Os cientistas citados aparecem em apenas três das 15 notícias analisadas, o que dá uma média de apenas 20%. Ou seja, apenas um a cada cinco relatos sobre o caso que aborda níveis de testosterona e hiperandrogenismo conta com o ponto de vista de algum cientista ou profissional da área.

Como era de se esperar, a atleta Caster Semenya, seja por nota oficial, redes sociais ou por anúncio de seus advogados, e a IAAF são as fontes principais. A sul-africana aparece em nove das 15 matérias (60%), enquanto que a entidade esportiva participou de sete relatos (46,6%). A Organização das Nações Unidas (ONU), por meio do Conselho de Direitos Humanos, e o governo da África do Sul estiveram em duas matérias cada (13,3%). Outras fontes citadas são a ONG Human Rights Watch, a Federação de Atletismo da África do Sul, o Comitê Olímpico Internacional e o Tribunal Arbitral do Esporte, que apareceram uma vez cada (6,6%). Uma das notícias (“IAAF perde mais uma vez em corte suíça, e Caster Semenya segue liberada para competir”) foi redigida sem a inclusão de fontes.

A baixa participação de cientistas na construção narrativa destas notícias não impediu que os conceitos de hiperandrogenismo e DSD (diferença de desenvolvimento sexual) fossem abordados pela cobertura do portal. Em 14 das 15 matérias (93,3%) estes termos foram citados como explicação para “entender o caso”. A única exceção é a notícia “Presidente do COI afirma que caso de Semenya será estudado e revela simpatia pela atleta”. Neste caso, contudo, a figura da ciência pode ser percebida pela declaração de Thomas Bach, presidente da entidade, que cita um grupo de trabalho com especialistas (leia-se cientistas) para analisar a questão.

Esse volume de citações de termos científicos não representa um aprofundamento do tema. Pelo contrário, reforçam apenas a superficialidade. As notícias seguem um mesmo padrão, com o recurso “Entenda o caso”, onde o profissional de comunicação reaproveita textos antigos para complementar a informação nova. Dessa forma, a narrativa é praticamente a mesma em todo o período de análise. O termo hiperandrogenismo, por exemplo, aparece em 11 das 15 matérias (73,3%), sendo que em dez delas é utilizado para designar Caster Semenya com a breve explicação: “condição caracterizada pela produção excessiva de andrógenos como testosterona, o hormônio masculino”.

A expressão DSD (diferença de desenvolvimento sexual) está presente em 12 das 15 notícias (80%). Em nove delas, o termo aparece na descrição da regra que a IAAF implementou em 2018, com novos níveis de testosterona – e que Semenya contestava na justiça. Curiosamente, a partir de 29 de maio, a sigla também passou a ser utilizada para se referir à própria competidora, estando presente em quatro relatos neste sentido. O conceito também está em citações diretas da IAAF nas matérias “IAAF discorda de

críticas da Associação Médica Mundial após o veredicto de Semenya” e “IAAF vai buscar ‘rápida reversão’ de decisão de tribunal suíço de liberar Semenya para competir”.

Nem mesmo nas três ocasiões em que os cientistas aparecem como fontes das notícias há um aprofundamento do tema. A Associação Médica Mundial, por exemplo, é citada apenas indiretamente na matéria “IAAF discorda de críticas da Associação Médica Mundial após o veredicto de Semenya” – o posicionamento oficial da entidade sequer foi divulgado. Já a notícia “Lauter Nogueira concorda com proibição de Semenya de correr com mulheres: ‘Doping natural’” traz o ponto de vista de Lauter Nogueira, educador físico que comandou equipes de triatlo e atletismo em três edições dos Jogos Olímpicos e que também atua como comentarista de atletismo na mesma organização. O único fato científico novo está presente em uma de suas declarações, quando afirma que o nível de testosterona é fundamental na distância em que Caster Semenya atua, proporcionando um aumento de até 10% na qualidade de transporte do oxigênio para o músculo – ainda que não tenha divulgado nenhuma evidência empírica ou pesquisa que comprove esse número.

A única exceção na cobertura realizada pelo Globoesporte.com é o podcast “O Cientista do Esporte”, divulgado em 4 de maio. Apostando em um novo formato midiático, os jornalistas Luiz Prota (que curiosamente também possui doutorado em fisiologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro) e Guilherme Roseguini detalharam todo o histórico deste caso, inclusive com entrevistas dos cientistas Ross Tucker e Karina Hazano. Dessa forma, o programa pôde aprofundar questões científicas essenciais. Foi a única matéria, por exemplo, que trouxe os indicadores de testosterona que a IAAF embasa sua regra (a entidade diminuiu de 10 para 5 nanomols por litro de sangue o limite permitido para as mulheres). Também detalha o que significa DSD, ressaltando que se trata de uma condição natural da pessoa e as implicações futuras para a definição de sexo e gênero no esporte. Praticamente um ponto fora da curva na produção jornalística do portal neste caso.

CONCLUSÃO

Hoje, é impensável visualizar o esporte de alto rendimento sem o conhecimento científico. A necessidade de vitória nas competição internacionais faz com que o investimento em ciência, seja ela médica, biológica e tecnológica, esteja numa crescente.

Lesões são tratadas em tempo recorde e os próprios atletas possuem recursos para identificar e prevenir futuros problemas em seu corpo.

O crescimento desta importância, infelizmente, ainda não se reflete na produção jornalística na editoria de esporte. As fontes científicas não são tratadas como prioritárias na construção da notícia. Quando muito, o repórter recorre apenas às fontes oficiais, caracterizadas pelos profissionais ligados a um determinado atleta e/ou equipe. Não há preocupação em explicar e aprofundar temas complexos, como os processos químicos decorrentes do *doping*.

O caso Caster Semenya exemplifica esta ausência da ciência na cobertura esportiva. O foco central da discussão jurídica é uma questão genética (a produção elevada de testosterona da atleta), mas cientistas corresponderam a praticamente um terço das fontes ouvidas nos relatos e em 20% das matérias publicadas. Não houve uma explicação detalhada sobre os conceitos, tratados de forma superficial nas notícias.

Essa aparente falta de dedicação em pautas mais elaboradas é explicada quando identificamos que grande parte da cobertura esportiva fica restrita apenas ao que acontece dentro do campo de jogo, focando o resultado e o desempenho atlético. Não há tempo e nem disposição para abordar temas mais complexos em um calendário apertado de competições e com eventos em duas ou três vezes por semana. Mesmo assim, é só com esse aprofundamento que o repórter pode, enfim, exercer seu papel de informar – e educar – a sociedade por meio do esporte.

REFERÊNCIAS

BARBANTI, Eliane Jany. Esporte e Psicologia. In: TAMBUCCI, Pascoal Luiz; OLIVEIRA, José Guilmar Mariz de; SOBRINHO, José Coelho. **Esporte e Jornalismo**. São Paulo: CEPEUSP, 1997.

BETTI, Mauro. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. Campinas: Papyrus, 1998.

BOURDIER, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte – uma introdução**. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.

BUENO, Wilson da Costa. Chutando Prá Fora: os equívocos do jornalismo esportivo brasileiro. In: MARQUES, José Carlos; CARVALHO, Sergio; CAMARGO, Vera Regina Toledo (org.). **Comunicação e Esporte – Tendências**. Santa Maria: Pallotti, 2005.

BURKETT, Warren. **Jornalismo Científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

ERBOLATO, Mário de Lucca. **Jornalismo Especializado:** emissão de textos no jornalismo impresso. São Paulo: Atlas, 1981.

FONSECA, Ouhydes João Augusto da. **Cartola e o Jornalista:** influência da política clubística no jornalismo esportivo de São Paulo. 1981. 201 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1981.

LAGE, Nilson. **Linguagem Jornalística.** São Paulo: Ática, 1985.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda:** jornalismo na sociedade urbana e industrial. 2 ed. São Paulo: Summus, 1988.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro.** Petrópolis: Vozes, 1985.

MELO, José Marques de; RIBEIRO, José Hamilton. **Jornalismo Científico:** teoria e prática. São Paulo: INTERCOM, 2014.

MORAGAS, Miquel de. **Deporte y medios de comunicación. Sinergías crecientes.** Telos. Fundacion Telefonica, junho-agosto 1994, nº 34, p. 1-7. Disponível em: <https://telos.fundaciontelefonica.com/telos/anteriores/index2.html?num_038.html>. Acesso em: 13 jun. 2019.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX:** o espírito do tempo I – neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

RODRIGUES, Rubens Lombardi. Medicina do Esporte. In: TAMBUCCI, Pascoal Luiz; OLIVEIRA, José Guilmar Mariz de; SOBRINHO, José Coelho. **Esporte e Jornalismo.** São Paulo: CEPEUSP, 1997.

SILVA, André Chaves de Melo. As relações entre a ciência, o sistema brasileiro de pesquisa e o jornalismo científico. In: MOREIRA, Benedito Dielcio; SILVA, André Chaves de Melo (org.). **Divulgação Científica:** debates, pesquisas e experiências. Cuiabá: EdUFMT, 2017.

SILVA, Ovandir Alves. Esporte e Dopagem. In: TAMBUCCI, Pascoal Luiz; OLIVEIRA, José Guilmar Mariz de; SOBRINHO, José Coelho. **Esporte e Jornalismo.** São Paulo: CEPEUSP, 1997.

SODRÉ, Muniz. **A Narração do Fato:** notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2012

TUBINO, Manoel José Gomes. **O que é Esporte?** São Paulo: Brasiliense, 1999.